



A Igreja de Jesus Cristo – 1.^a parte

No início dos quatro capítulos relacionados com a eclesiologia nova-apostólica, serão explicados, em primeiro lugar, os diversos significados do termo "Igreja". Depois, seguem-se ponderações referentes à Igreja do Antigo Testamento. Para finalizar o primeiro capítulo, tratar-se-á da Igreja instituída por Jesus Cristo, como o testemunha o Novo Testamento.

— O termo "Igreja"

"Igreja" provém do grego "kyriake" ("pertencente ao Senhor"). O Novo Testamento utiliza o termo "ekklesia" ("chamar ou convocar para fora, em assembleia"). "Ekklesia" é traduzido como "Reunião, Comunidade, Igreja".

Em termos linguísticos comuns, o termo "igreja" tem diversos significados. Por um lado, significa uma casa de Deus cristã como local de reunião dos crentes, por outro, uma reunião de pessoas com fé cristã, a igreja local. Para além disso, é uma forma de designar uma congregação cristã. Mas, o mais relevante, é o significado teológico de "Igreja" – nele se baseiam as explicações que se seguem, nas quais estão contidos os aspectos principais da Igreja.

A Igreja de Jesus Cristo foi instituída na terra pelo próprio Senhor; é ela que dá o acesso à salvação. As pessoas, que dela fazem parte, foram convocadas por Deus, para terem comunhão eterna com Ele, ou seja, com Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Na Igreja, Deus é adorado; o fulcro da vida eclesial é o serviço divino. No centro da Igreja, Jesus prepara a Sua Igreja-noiva, através de apóstolos, para a Sua revinda breve e para as bodas no céu.

O desígnio da Igreja de Jesus Cristo consiste, por um lado, em tornar acessível ao Homem a salvação e a comunhão eterna com o Deus trino e, por outro, em exortar o Homem a adorar e glorificar a Deus.

Indicações do Antigo Testamento referentes à Igreja de Jesus Cristo

O Homem, depois do pecado original, não pôde permanecer na comunhão directa com Deus. Teve de abandonar o espaço em que vivia, no qual Deus lhe tinha concedido encontro com Ele. Através do pecado, o Homem ficou sujeito à morte. Mas Deus quer remir o Homem desta sujeição à morte, quer conceder-lhe salvação e preparar-lhe comunhão eterna consigo próprio.

Desde o início que Deus se preocupa com o Homem. Quando o Criador expulsa o Homem do jardim do Éden, Ele veste-o e promete que um descendente da mulher irá vencer o sedutor (cf. Génesis 3,15).

O reconhecimento de que o Homem depende totalmente de Deus, é abordado repetidas vezes no Antigo Testamento. Isso foi manifestado através da edificação de altares e da apresentação de sacrifícios.

O pecado vai ficando cada vez mais poderoso; as pessoas vão-se afastando cada vez mais de Deus. Por isso, Deus deixa a humanidade perecer no dilúvio, um juízo divino. No entanto, oferece graça a Noé e à sua família, concedendo-lhes salvação na arca. Deus faz uma aliança com eles prometendo protecção e dedicação a todos os seus descendentes, ou seja, a toda a humanidade. O arco-íris é o símbolo dessa Nova Aliança.

Estes acontecimentos são indicações para os actos salvíficos de Deus, que se irão confirmar mais tarde na Igreja de Cristo: Deus dedica-se ao ser humano, cuida dele e protege-o e aceita-o na Sua Aliança. Em I Pedro 3,20.21, fica bem claro que a salvação na arca é o exemplo do baptismo, através do qual, na Nova Aliança, recebemos salvação. Em consequência disso, na tradição cristã, a arca é interpretada como metáfora da Igreja de Cristo.

Na aliança com Noé, todo o ser humano está incluído. Com a eleição de Abraão, é criada mais uma aliança, que coloca Abraão e os seus descendentes numa ligação especial com Deus: eles tornam-se o povo eleito de Deus. Um símbolo visível dessa aliança é a circuncisão. Essa aliança é confirmada perante Isaac e Jacob.

Quando, mais tarde, no monte Sinai, Deus deu a Moisés os dez mandamentos, e Moisés, por encargo de Deus, os transmitiu ao povo de Israel, Deus revelou a Sua vontade sob a forma de uma lei. E Ele o fez através de um homem, uma assembleia, uma Igreja por Ele eleito(a).

Está definido na lei, como deverá ser a ligação do ser humano com Deus e de uns com os outros. Isso impõe regras para um serviço divino correcto. Este consistia no rito sacrificial realizado pelos sacerdotes no tabernáculo, na adoração e dedicação

do povo a Deus através de oração, reconhecimento e obediência. Para esse serviço divino foi chamado Israel como o povo eleito por Deus.

Estes elementos fundamentais da Antiga Aliança remetem também para Jesus Cristo e para a instituição da Igreja: a Antiga Aliança remete para a Nova Aliança, o símbolo da circuncisão no baptismo, para a proclamação da vontade divina através da prédica da palavra de Deus, para o serviço de sacrifício sacerdotal na Santa Ceia e na sua administração através do ministério autorizado, e oração e reconhecimento remetem para a adoração do Deus trino no serviço divino.

O serviço divino veterotestamentário era realizado, de forma festiva, num lugar central, no templo de Jerusalém. Era ali que se encontrava a casa do Senhor, onde as pessoas se reuniam para louvar a Deus (cf. Salmos 122). Isso mudou com a destruição do templo e com o cativeiro na Babilónia. Os judeus passaram então a reunir-se para os serviços divinos nas sinagogas, onde liam e interpretavam a palavra de Deus e a lei. Todavia, o sacrifício não podia ser realizado. Assim sendo, estes serviços divinos eram deficitários. No entanto, os crentes reuniam-se – a palavra de Deus era o ponto principal da Igreja.

Aqui é dada uma indicação para a Igreja neotestamentária, no centro da qual, Jesus Cristo, como palavra que se tornou carne, está presente (cf. João 1,1). A Epístola Aos Hebreus interpreta a lei, o sacrifício, a circuncisão e o sacerdócio da Antiga Aliança, como "sombra", ou seja, como antecipação da Nova Aliança (cf. Aos Hebreus 8,5; 10,1). A sombra não é o que é verdadeiro – ela remete simplesmente para o que é verdadeiro. Não é a Antiga Aliança que é a instituição de salvação perfeita de Deus, mas antes, a Nova Aliança instituída por Jesus Cristo.

Assim sendo, o povo eleito da Antiga Aliança simboliza aquilo que se concretizará no povo de Deus da Nova Aliança, ou seja, na Igreja de Jesus Cristo.

— Jesus Cristo funda a Igreja

Todo o fundamento e existência da Igreja têm a sua origem na personificação e no acto de Jesus Cristo, que é, e traz a salvação.

«Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos.» (4,4.5) Jesus, o filho de Deus, nasceu homem, entre o povo escolhido de Deus, da Antiga Aliança. Deus torna-se homem – Ele entra na história da humanidade, passa a fazer parte dela.

Ele chamou pessoas a segui-lo, reuniu discípulos, pregou acerca do reino de Deus, manifestou-se de forma exemplar, como legislador, no sermão da montanha,

sobrepôs-se a Moisés, curou doentes, saciou os famintos, ressuscitou mortos, perdoou pecados, prometeu e enviou o Espírito Santo.

A encarnação de Deus em Jesus Cristo é a condição principal para a existência da Igreja. Todos os outros acontecimentos que fazem parte do fundamento da Igreja estão fundamentados neste acontecimento e é a partir dele que têm de ser interpretados: a eleição dos apóstolos (cf. Lucas 6,12-16), a nomeação das funções de Pedro (cf. Mateus 16,18), a instituição da Santa Ceia (cf. Mateus 26,20-29), a morte e ressurreição de Jesus Cristo, a Grande Comissão (Mateus 28,19.20).

Na história, a Igreja de Cristo revela-se pela primeira vez, no Pentecostes, com o derramamento do Espírito Santo. O apóstolo Pedro pregou com a força do Espírito Santo – a primeira Igreja foi instituída. Penitência, batismo, perdão dos pecados e receber o dom do Espírito Santo são elementos de transmissão salvíficos no caminho para a salvação (cf. Actos 2,38). Os primeiros cristãos «perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações» (Actos 2,42). Estas características têm uma importância decisiva para a Igreja de Cristo.